

CRÔNICAS

ENTREVISTA COM BARNABAS TUPES, METROPOLITA ORTODOXO

*Cléber Eduardo dos Santos Dias**

Tessalônica ou Salônica, Thessaloniki – vitória sobre os Tessálios – em grego, é a segunda maior cidade grega e a principal da região da Macedônia. Com 1,55 milhão de habitantes Tessalônica foi construída em 316 a.C. por Cassandro, cunhado de Alexandre Magno, em homenagem a sua esposa Thesalonike, meia-irmã de Alexandre.

No âmbito da entrada da religião cristã, Tessalônica foi o lugar da segunda viagem missionária de S. Paulo onde pregou na sinagoga e, posteriormente, dirigiu-lhes a Carta “Tessalonicenses”.

Até que Constantinopla fosse saqueada em 1224 (4ª Cruzada) Tessalônica permaneceu pertencente ao Império Romano e ao Império Bizantino. Salônica foi a Capital do Reino da Tessalônica, Império fundado pelos cruzados, até 1224, quando foi arrebatada pelo Despotado bizantino de Épiro. Reconquistada em 1246 para o Império Bizantino, mas já sem o poder de afrontar o Império Otomano, Tessalônica foi vendida por Andrônico Paleólogo a Veneza que a manteve em sua posse até 1430.

Em 1492, com a expulsão em massa dos judeus da Espanha, Tessalônica acolheu grandes grupos de judeus majoritariamente sefarditas. Durante um longo período, a língua mais falada foi o ladino, e o dia de descanso em Tessalônica era o sábado.

Com a Guerra dos Bálcãs, em 1912, Tessalônica passa a pertencer à Grécia. Durante a primeira guerra mundial, foi criado um governo comandado por Elefthérios Venizélos que traçou e imprimiu grandes marcas na modernidade de Tessalônica. Muitas das mudanças e planos de Venizélos ainda são perceptíveis na cidade, como, por exemplo, seu plano urbanístico.

* Agradeço ao Padre Wassilios Milios, sacerdote ortodoxo, a sua ajuda como tradutor.

Até a segunda guerra mundial, Tessalônica contava com uma florescente comunidade judaica, comunidade esta que foi quase toda dizimada pelo Terceiro Reich.

A religião predominante é a ortodoxa. Palco de inúmeros mártires, nos primeiros 300 anos de fé cristã, em solo grego. Tessalônica conta com uma grande quantidade de santos, no calendário e no martirologio. Foi sede de grandes bispos, entre eles, Gregório Palamas, que é considerado santo para os ortodoxos.

Até a década de 70 do último século, Tessalônica possuía apenas um metropolitano, até que o Santo Sínodo, preocupado com o excessivo crescimento da cidade e no intuito de atender melhor os fiéis, decidiu, em 1974, dividir Tessalônica em três eparquias (arcebispados): Neápolis-Stravopoleos, Tessalônica e Calamaria.

A eparquia de Neápolis-Stravopoleos conta com cerca de 400 mil habitantes, predominantemente de religião ortodoxa, 96 templos (paróquias, capelas e *exoecclesis*), 114 sacerdotes, 8 diáconos, um mosteiro masculino e dois femininos em seu território.

De passagem por Tessalônica conversamos, em poucos minutos, com o bispo Barnabas Tures, que, desde 2004, é o metropolitano de Neápolis-Stravopoleos. ‘Dom’ Barnabas cursou Pedagogia (Lamias) e Teologia (Tessalônica). Entre as funções importantes anteriormente desempenhadas por Dom Barnabas Tures estão a de Arquimandrita do Patriarcado Ecumênico e, posteriormente, como Protosyngello (Vigário-Geral) da eparquia de Neápolis-Stravopoleos.

P.: O Santo Padre Bento XVI e o Patriarca Ecumênico, Sua Santidade Bartolomeu I, encontrar-se-ão em dezembro em Istambul, na sede do Patriarcado Ecumênico. Como Sua Excelência vê esta visita que Bento XVI – sucessor de Pedro – faz a Bartolomeu I, sucessor de André?

R.: A vinda do Papa ao Fanar é praticamente a continuidade de um processo de algo que já começou muitos anos atrás, com o grande Patriarca Atenágoras I, com o Papa Paulo VI; depois houve uma continuidade com os seus sucessores, o Patriarca Demétrio I e o Papa João Paulo II e, agora, se me permite, diria que há esta normal sucessão de um caminho de amor.

A oração da Igreja é em direção ao amor, uma oração contínua em direção à unidade, como diz a conhecida passagem de São João: “Que todos sejam um”. Para chegarmos a isso, precisamos mais humildade e mais oração, sobretudo a humildade de todas as partes.

P.: A Igreja Católica sente uma crise de fé que atingiu o Ocidente, principalmente a Europa e a América do Norte. Existe atualmente a mesma percepção de alguma crise na fé, por parte da Igreja Ortodoxa?

R.: A crise da fé não é uma coisa fora de nós, algo que devemos procurar fora de nós, não é uma crise dos fiéis, mas é uma “crise” da Igreja, porque a Igreja não pode agir fora do mundo. A crise aumenta a responsabilidade das Igrejas, a nossa responsabilidade pessoal em nos tornarmos a luz e o sal do mundo. Esta crise verifica a nossa resposta, a nossa vontade, a vontade do homem em se aproximar de Deus, no sentido de que provoca toda uma ‘problemática’, porque esta crise é a sede, é a vontade de comer, quando alguém tem fome, é a própria fome do mundo de alguma coisa espiritual, neste mundo. É a busca pela espiritualidade. O homem busca por causa da fome que sente.

P.: Bem próximo à Grécia desenvolvem-se graves conflitos, como o de Israel X Palestina, como o do Iraque, o do Afeganistão. Qual o posicionamento da Igreja Ortodoxa diante dos esforços pela paz nessas regiões?

R.: Não existem boas ou más guerras. A Igreja é contra todo tipo de violência, pois todo tipo de violência afasta da pessoa do homem a dignidade de ser homem, a liberdade e o seu modo de agir. A Ortodoxia ensina a dignidade da pessoa humana, a liberdade, a tolerância por todo tipo de diversidade, não somente a tolerância, mas também o respeito por qualquer diversidade ainda que muito diferente e contrária a nós.

P.: Como foi sentida, entre os ortodoxos, a notícia da eleição do Cardeal Ratzinger como Papa? O que podemos esperar de seu pontificado?

R.: Há um antigo provérbio grego que diz: “O poder é a prova da grandeza de um homem”. Isso quer dizer que, após o poder ser dado a um homem, é que se pode medir aquilo que ele é e aquilo a que ele veio. É ainda algo de se ver. No entanto, trata-se de uma personalidade grande. O mundo espera. O Papa é um grande conhecedor da história dos gregos, da Filosofia grega, da história bizantina e tudo isso naturalmente é positivo.

P.: É sentida uma crise de vocações ao sacerdócio na Igreja Ortodoxa? A que se deve?

R.: Existe o problema, mas não é um problema que devemos colocar como culpa sobre as costas do povo de Deus, mas devemos ver como

um problema de nossa responsabilidade. Que coisa devemos fazer? Que coisa fizemos de forma errônea que deu origem a esse problema? Não colocar a responsabilidade de uma falha na fé do povo. O povo de Deus é sempre bom e sempre espera alguma coisa de bom e positivo da nossa parte.

P.: Quais as ações concretas necessárias que podem ajudar a reunificar a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa?

R.: Humildade, mais humildade. De ambas as partes.